

## O que é Ser-Biólogo? Com a Palavra o *Facebook*

(What is a Biologist? With the word Facebook)

SANDRA NAZARÉ DIAS BASTOS<sup>1</sup> e SÍLVIA NOGUEIRA CHAVES<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança ([sbastos@ufpa.br](mailto:sbastos@ufpa.br))

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará ([schaves@ufpa.br](mailto:schaves@ufpa.br))

**Resumo.** O que é ser biólogo? Que atributos deve reunir alguém que pretende seguir essa carreira? Tomando como objeto de análise enunciados sobre o ser-biólogo veiculados na rede social facebook, discutimos como este personagem aparece em textos que incitam modos de existência prescrevendo condutas, estabelecendo normas que funcionam como manuais definidores de comportamento, vestuário, atitudes e vocabulário. Segundo Foucault, somos constantemente atravessados por redes discursivas que nos capturam e acionam múltiplas tecnologias do eu que promovem condutas éticas disciplinares, que instauram políticas identitárias, delimitando critérios para o que é verdadeiro/falso, certo/errado, permitido/vetado. Partindo desse pressuposto, longe da pretensão de apontar o que tal discurso tem de verdadeiro ou falso, certo ou errado, intencionamos provocar estranhamentos, inquietar o olhar para ver com outros olhos e desconfiar daquele ordenamento aparentemente natural. Caminhando, assim, para a compreensão de que o que consideramos verdade, não existe fora de jogos de poder-saber

**Abstract.** What is a biologist? Which attributes someone who intends to follow this career should have? Taking as object of analysis statements about "being-biologist" posted on the social network facebook, we discuss how this character appears in texts that incite modes of existence prescribing attitudes, establishing rules that work as manuals to define behaviors, dress codes, attitudes and vocabulary. According to Foucault, we are constantly traversed by discursive networks that capture us and trigger multiple technologies of the "self" that promote disciplinary ethical manners, that establish identity politics, defining rules for what is true/false, right/wrong, allowed/banned. Based on this assumption, far from the intention of pointing out that such speech is true or false, right or wrong, we intend to cause estrangements, disquiet the look to see with other eyes and suspect that apparently natural order. Moving, thus, to the realization that what we consider truth, does not exist outside of power-knowledge games

**Palavras-chave:** discurso, biologia, biólogo, mídia, pedagogia cultural

**Keyword:** speech, biology, biologist, media, cultural pedagogy

### O Biólogo em discurso

“Você tem medo de sapo: Então como pode ser bióloga?” “De salto alto, maquiagem: não é bióloga!”; “Não gosta de aula de campo (de aulas práticas, laboratório, excursões, animais, plantas...), então está no curso errado!” Perguntas e afirmações como essas martelam nos ouvidos daqueles menos afeitos às aventuras e peripécias de um curso de Ciências Biológicas. Daí nos perguntarmos: O que é ser biólogo? Existe uma forma (fôrma), receita capaz de moldar esse profissional? Que características devem ser reunidas por alguém que pretende seguir essa carreira? Inicialmente a resposta seria **não, não existem características que determinam, a priori, um biólogo**. No entanto, por que causa surpresa e espanto que esse profissional fuja de anfíbios, use maquiagem (ou salto alto), que manifeste descontentamento (ou total desinteresse) diante do mundo invisível que se apresenta pelas lentes de um microscópio? Causa surpresa por que somos constantemente atravessados por redes discursivas que nos seduzem, capturam e determinam infinidade de prescrições que

ensejam desejos e modos de ser/ver. Dessa forma podemos afirmar que existem sim, não apenas uma, mas várias formas de existência para o sujeito biólogo.

Como nos ensina Foucault os discursos produzem sistematicamente os objetos dos quais falam “*os ‘discursos’, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras*”. Discursos são práticas e como tais não nomeiam simplesmente os objetos, mas os produzem, tal como nos ensina Foucault

(...) o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua [...] gostaria de mostrar que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos (FOUCAULT, 2010, p. 55).

Partimos, então, do pressuposto de que sujeito biólogo só existe dentro e a partir de uma trama discursiva que o nomeia ao mesmo tempo em que determina como ele deve ser e agir. Isso torna-se possível pelo acionamento de uma multiplicidade de tecnologias do eu que incitam estilos **de ser** e de **se ver** biólogo, prescrevendo, moralizando, disciplinando, de modo a delimitar critérios que estabelecem o que é verdadeiro/falso, certo/errado, permitido/vetado a esse profissional.

E como essa trama discursiva funciona? Onde pode ser encontrada e como é acionada? Segundo Foucault os discursos são regidos por intrincadas relações de saber e poder. Poder que age nas práticas mais simples e cotidianas, no nível dos indivíduos, atingindo seus corpos, inserindo-se em seus gestos e atitudes, discursos e aprendizagem. O poder opera não apenas por mecanismos negativos que reprimem, impedem ou excluem, mas sobretudo de forma positiva atravessando todo o corpo social em uma microfísica determinando diferentes processos de subjetivação, incitando, infiltrando, produzindo coisas, induzindo ao prazer, formando saberes, **produzindo discurso** (FOUCAULT, 1979).

Dentro dessa rede somos continuamente atravessados e capturados por diferentes discursos que ouvimos e vemos ao longo de nossa vida e que assumimos como certos. São esses discursos que **nos dizem** como devemos ser, como devemos nos ver (e aos outros) como professores, pesquisadores, biólogos por meio de um conjunto de procedimentos regulatórios que produzem e apoiam a forma com que devemos nos comportar e agir, em uma eficácia produtiva (ou positividade) que acaba por nos adestrar.

Nesse contexto a mídia desempenha importante papel na fabricação de subjetividades ao interpelar de forma insidiosa diferentes tipos de leitores através de textos verbais (ou não) e a partir deles determinar, prescrever, ensinar como os indivíduos devem se comportar. Por essa característica Fischer (2002), inspirada no pensamento de Michel Foucault, defende que a mídia se apresenta como um dispositivo pedagógico pois participa “*efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem*”. Com isso tal veículo “*orienta a constituição ou a transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas*” (LARROSA, 2010), por produzir formas de experiência de si nas quais os indivíduos podem se tornar sujeitos de um modo particular de existência.

Tomamos assim a mídia como um dispositivo, isto é, como máquina de fazer ver e falar (DELEUZE, s.d.) que, entre tantos outros, regulamenta comportamentos ao inventar a vida cotidiana apresentado em seus discursos como devemos agir, sentir, desejar, lembrar e conviver (PAIVA et al, 2008). Nesse momento interessa-nos especificamente os discursos que circulam na rede social *facebook* que devido seu alcance mundial agrega grande número de pessoas conectadas que interagem por meio do compartilhamento de textos e imagens. Nesse universo digital nossa curiosidade e interesse voltam-se para os discursos que prescrevem formas de existência para ser-sujeito-biólogo<sup>1</sup>.

Nesse ambiente virtual de comunicação o profissional da área das Ciências Biológicas aparece em imagens e/ou textos que normalizam, determinam, prescrevem, condicionam sua forma de existência. Entendemos com isso que é por meio dessas normas e regras que o ser-sujeito biólogo é forjado e ganha visibilidade, ao mesmo tempo, em que é obrigado a falar de si ao comentar, compartilhar ou curtir determinada postagem.

### **Os discursos dizem, mostram, provocam: a produção de sujeitos Biólogos**

Os discursos funcionam no interior de dispositivos, ou seja, são os dispositivos que põem em circulação os diferentes discursos que nos capturam e regem nossa forma de ver, ser visto, dizer e ser dito (LARROSA, 2010, p. 63). Queremos dizer com isso

---

<sup>1</sup> Tomamos como corpus da pesquisa algumas postagens compartilhadas em nossas páginas pessoais por alunos e amigos por ocasião da passagem do dia do Biólogo.

que o sujeito biólogo que ganha forma em nossa imaginação não está dissociado do que vemos e ouvimos sobre esse profissional ao longo nossa vida.

Ao fecharmos os olhos, desenharemos em nossa imaginação, muito provavelmente, um ser desprendido, isolado, que não se importa com a aparência e que esquece de si mesmo em prol de descobrir, investigar e (por que não dizer dominar!) o mundo natural.

Apenas para citar um exemplo recente: nas primeiras cenas do filme Reino Escondido<sup>2</sup> acompanhamos uma corrida frenética pelo meio da floresta. O efeito da câmera balançando faz-nos viver todas as dificuldades do personagem “*Professor Bomba*” (Figura 1) que entre as árvores e as pedras do caminho procura registrar as evidências da existência de seres invisíveis responsáveis pela manutenção do equilíbrio e da ordem da natureza. Com cabelo desgrenhado, olhos esbugalhados (atrás de indefectíveis óculos na ponta do nariz), voz anasalada e roupa tipo safári (surrada) o personagem está ofegante, cansado, sua forma de correr (desastrada e desengonçada) além de sua respiração, denunciam sua pouca habilidade física. Pode ser que parte de sua dificuldade de locomoção possa ser associada à parafernália de equipamentos que carrega. Em nome do que procura ele renuncia sua vida pessoal e vive isolado (inclusive de seus pares - incrédulos da teoria defendida por ele). Sua casa é um misto de laboratório e residência. Os espaços de convivência e lazer de uma família “normal” como a sala ou a cozinha nunca aparecem. O ser que ali habita é sozinho. Tem como companhia um cão, seus livros e toda a gama de equipamentos que inventa. Todo esse equilíbrio é quebrado com a chegada de sua filha adolescente. No desenrolar da trama acompanhamos a dificuldade de interação destes dois personagens entre si e o desenrolar de uma convivência que, ao que parece, é ruim para ambos.

---

<sup>2</sup> Filme de Animação da Blue Sky Studios/Twentieth Century Fox Film Corporation (Estados Unidos). **Direção:** Chris Wedge. Ano de lançamento 2013.



**Figura1** - Professor “Bomba”

O filme nos mostra alguns dos muitos padrões (solidão, abnegação, ausência de vaidade e ambição) usualmente atribuídos a profissionais da área das Ciências Biológicas. Tais características são dadas a ver também na imagem “Anatomia do Biólogo” que circula em postagens do *facebook*: o biólogo deve ter curiosidade exacerbada, olhar atento e aguçado em constante estado de investigação, minilaboratório portátil para coletar e dissecar a vida, roupas confortáveis (chinelos e camiseta) para melhor explorar a natureza através do trabalho de campo. O corpo é recurvado devido ao esforço que o trabalho árduo impõe e no rosto são observadas “*rugos precoces*” atribuídas à excessiva preocupação em proteger e defender a vida nas suas mais variadas formas (Figura 2).

Essas prescrições funcionam como um conjunto de normas que determinam formas de existência para o ser-sujeito biólogo. Em ambas as situações temos a mídia como veículo possível para garantir a circulação desses discursos e a consequente produção de sujeitos que se identificam e aderem a esse perfil. É nessa condição que Gregolin (2007) entende a mídia como fonte poderosa e inesgotável de produção e reprodução de subjetividades, evidenciando sua sofisticada inserção na rede de discursos que modelam a história do presente.



Figura 2 - Anatomia do Biólogo

Através de técnicas de captura envolventes a mídia oferece um vasto cardápio de opções que nos direcionam ao caminho do auto reconhecimento, autorreflexão e auto avaliação. É por este motivo que tomamos as postagens que circulam no *facebook* como discursos que como tal, devem ser analisados como integrantes de um conjunto de mecanismos capazes de governar a conduta dos indivíduos.

Ao dizer isso queremos ressaltar que não estamos procurando identificar o que há por trás dos textos ou das imagens analisadas, pois, como Foucault (2010), acreditamos que o objeto “*não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo*”. Consideramos o objeto como algo que depende do olhar que depositamos sobre ele para se constituir e assim, só existe sob as condições positivas de um feixe de relações estabelecidas entre instituições, formas de comportamento, tipos de classificação e modos de caracterização.

Isso define exatamente a posição que as relações discursivas ocupam no discurso: nem internamente, nem externamente, mas na **superfície**. Nas palavras de

Foucault (2010) são as próprias relações discursivas que “*determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou tais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los e explicá-los*”. Partindo do pensamento foucaultiana o discurso se constitui enquanto **prática** pois tem a capacidade de produzir, sentidos, verdade e sujeitos, como explica Paraíso (2007, p. 233) “*considerar o discurso como prática é explorar sua potencialidade para produzir, fabricar e objetivar realidades, objetos e sujeitos.*”

### **Sujeitos mal vestidos, desprendidos, sem vaidade: a profissão como estilo de vida**

Na Figura 3 vemos uma pessoa deitada observando alguns animais à sua frente. Sua posição ventral que permite o contato direto com a terra reforça a perfeita fusão que deve haver entre homem e natureza. Essa “mistura-fusão” mostra que para ser biólogo precisa ser desprendido, simples, sem vaidade. Simples como a natureza, misturado a ela para interagir, observar, estudar. Ao fazer isso o biólogo assume sua função maior que é protege-la e preservá-la.



**Figura 3** - Estilo de vida do Biólogo

As normas de vestimenta e comportamento instituído discursivamente marcam um corpo destituído de interesses mundanos e personificam o desprendimento e a simplicidade de uma vida dedicada a assuntos mais importantes. A profissão é um “*estilo de vida*” que abrange atividades árduas, difíceis e cansativas em que não há espaço para preocupações puramente ou essencialmente humanas, individuais como a estética ou a vaidade.

Os biólogos poderiam escolher “*andar bem arrumados por aí*” mas os espaços físicos naturalmente destinados ao exercício das atividades profissionais - o laboratório e o campo - requerem vestimentas específicas, especiais e sem “frescura” que invariavelmente são eleitas para garantir a praticidade e o conforto. Com isso, a composição do *look*-biólogo, apresenta-se composta por coturnos, jaquetas e coletes que pedem como acessórios indispensáveis binóculos, lanternas e mochila (Figura 4).



Figura 4 - O Biólogo: locais de trabalho e vestimentas

A vestimenta feminina também é enunciada nas imagens, como pode ser observado na figura a seguir. Nesse conjunto, na composição da vestimenta, identificamos facilmente elementos pretensamente pertencentes ao universo feminino. Aparecem na cena: sapatos de salto alto, sapatilhas, calças afuniladas que marcam as curvas do corpo, vestidos que exibem saias longas (ou curtas) esvoaçantes, lenços, bolsas, flores. Nesse “harmonioso conjunto” que exhibe tantos estereótipos femininos, não é difícil identificar a mulher bióloga. Ela destoa das demais. Vestida com short e camisa amarrada na cintura a postura que assume não é graciosa como a de suas companheiras. Sem enfeites seus cabelos são descuidadamente presos em um coque. No lugar dos calçados delicados ela exhibe uma grosseira bota. O colar é substituído por binóculos. No lugar de uma bolsa, seus pertences são guardados em enorme mochila, que na altura dos ombros, mostra um colchonete ou saco de dormir. Sua vestimenta, traz elementos que dizem o quanto a mulher bióloga é desprendida, despojada, não liga para sua aparência uma vez que abraçar as causas da natureza é incompatível com o estilo delicado ou mesmo elegante que mulheres de outras profissões podem exhibir.

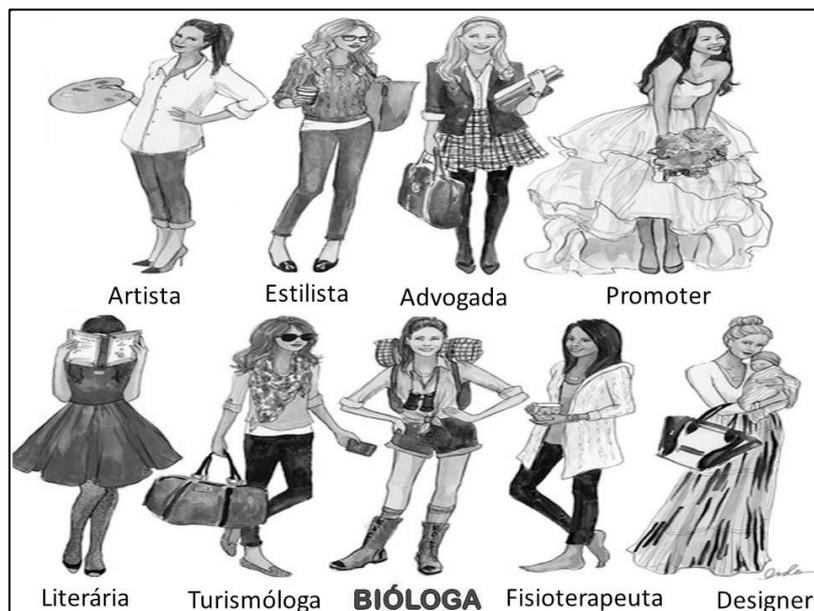


Figura 5 - A mulher Bióloga

Se tais roupas prezam pela comodidade garantindo condições adequadas para o trabalho, por outro lado definem um corpo cuja vaidade “*está abaixo dos interesses humanos*”, pois a profissão é “*um estilo de vida*” que deve ser “*simples como a natureza*” e onde a feminilidade e a sexualidade não podem coexistir com tanto desprendimento.

Adentrando nessa seara, outras duas imagens dão a ver essa incompatibilidade. Na primeira, duas mulheres: a mais jovem, bonita e delicada (representada pela atriz Patrícia Pilar) ocupa a metade superior da imagem e abaixo de sua bela figura lê-se a seguinte frase: “*recém aprovada em Ciências Biológicas*”. No quadro ao lado, simulando uma passagem de tempo, vê-se outra mulher, muito mais velha, com aparência endurecida e exasperada abaixo da qual se lê “*quatro anos depois*”. Em outra imagem vemos um belo rosto feminino de onde se destaca um penetrante par de olhos azuis. A mulher que tem os cabelos circundados por uma delicada tiara lembra uma fada (ser que reconhecidamente protege a natureza). Ao lado de seu rosto observa-se a frase/desabafo: “*cansei de ser sexy... agora sou bióloga.*” (Figura 6).

O que é possível ver no conjunto? O preço a ser pago por aquelas que se aventuram a escolher as Ciências Biológicas como profissão. As imagens nos dizem o quanto é cara essa escolha: juventude, beleza e feminilidade são mostradas como moeda de troca. Somente mulheres fortes e desprendidas parecem estar dispostas a arcar com tamanho sacrifício.



**Figura 6** - Antes e Depois da Biologia e Cansei de ser sexy

Nas postagens o contorno da mulher-bióloga é desenhado, seu corpo deve exibir as marcas e os sinais que possam permitir sua identificação entre tantas outras mulheres. É Foucault (2009b, p. 118) quem nos alerta sobre a possibilidade do disciplinamento dos corpos pela ação de mecanismos de poder: “*o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações*”. O corpo e suas operações são minuciosamente controladas: é preciso ser assim, usar isto, andar daquele jeito, empregar tal palavra. Um corpo dócil que obedece aos comandos afim de realizar o que lhe é imposto discursivamente em um processo contínuo e constante de assujeitamento.

A partir desse modelo não se espera que uma mulher bióloga tenha medo de sapos ou que suba na cadeira mediante a ameaça de uma barata, também não é possível imaginar que goste de maquiagem ou que possa usar salto alto ou uma roupa mais arrumada e “feminina”. A vigilância se impõe sobre ela na forma de múltiplos olhares que a condenam a seguir sempre um determinado caminho e nele não há lugar para

“florezinhas” - a não ser que seja para descrevê-las, classificá-las e prensá-las em uma exsicata.

### Então, fecha o bico! biologuês uma língua para poucos

Ácido desoxirribonucléico, serotonina, guanina, cefalotórax, são palavras que aos ouvidos leigos podem parecer estranhas ou até mesmo remeter a algum tipo de xingamento. No universo da Biologia, no entanto, elas referem-se a triviais elementos que compõem conhecimentos básicos que devem ser dominados e acionados com eficiência por quem quer pertencer a este mundo. É assim que, ao pronunciá-las, elas tomam corpo e passam a fazer parte de uma esfera particular à qual poucos tem acesso. Uma linguagem própria que encontra condições de possibilidades para se tornar verdadeira dentro do grupo que a domina: quem não está habituado a esse código não encontra espaço para se fazer ouvir e consequentemente se fazer entender.

Vemos com isso que a linguagem não é universal ela é construída culturalmente dentro de um sistema de códigos dominados por uns e ignorados por outros e com isso a palavra é confiscada daqueles que não estão aptos a entender suas especificidades. É o que bem expressam as postagens seguintes (Figura 7).



Figura 7 - Conversas de Biólogo

Na primeira, vemos o indiferente e mudo interlocutor daquele que diz “*tô entupido de serotonina!*”. Sem palavras, a dúvida pulula em sua fisionomia até que no quadro seguinte se arrisca a perguntar: “*tá entupido de quê?*”. Aquele que fala, agora mudo (talvez de espanto, diante de tamanha ignorância!) parece pensar: “*ok, vou*

*conceder-lhe a tradução para que você possa entender o que eu estou falando*”, dispara em seguida, como se estivesse falando obviedades: *“Opa! Desculpa, de chocolates!”*.

Na outra imagem, às vésperas da prova de Genética, uma jovem se debruça em desespero sobre seus livros repetindo as palavras: *“adenina, timina, citosina, guanina”*. O outro personagem, desconhecedor de que aquelas estranhas palavras são utilizadas para denominar as bases nitrogenadas do DNA, pergunta se são os nomes de suas amigas da Universidade.

Mais do que simplesmente interrogar se o que se fala tem sentido ou está na ordem do verdadeiro devemos nos perguntar: Quem está falando? Qual posição ocupa na ordem discursiva? Que rituais legitimam e dão validade ao que é dito? São os rituais que fixam a *“eficácia, suposta ou imposta das palavras, o seu efeito sobre aqueles a quem elas se dirigem, os limites do seu valor constrangedor”* (FOUCAULT, 2009a). Na resposta que se segue: *“Opa!! Desculpe, de chocolates!”* fica claro que aquela linguagem não está ao alcance de qualquer um. É preciso ter qualificação para entender que a palavra **serotonina** foi tomada para explicar a sensação de prazer proporcionada após a ingestão de chocolates. Fica evidente portanto, que nesse discurso biológico o leigo não tem vez e assim, não dominando o código que lhe é imposto, deve ficar de bico fechado: se você não é biólogo, *“então, fecha o bico!”* (Figura 8)



**Figura 8** - Se não é biólogo, fique de bico fechado

Vemos aí um código de conduta que se estabelece para ser seguido por aqueles que pretendem ser biólogos. Tomamos como reverberação desses enunciados as lembranças de um certo professor de Zoologia que ao ser interrogado por seus alunos

sobre uma certa “bolinha” visualizada no campo microscópico respondia sem paciência: “*isso não é uma bolinha! Para dizer o mínimo é uma estrutura arredondada!*” ou então: “*vocês não estão vendo um bichinho engraçadinho! Isso é um Paramecium!*” ou ainda “*biólogo não é parasitado por lombriga. É parasitado por Ascaris*” Não era admissível em suas aulas palavras mundanas. Precisava-se falar os nomes científicos corretamente além de grafá-los (e grifá-los) segundo as determinações das regras internacionais de nomenclatura zoológica, sob pena de ser surpreendido com notas baixas ou repreendido vexatoriamente diante de toda turma. É Foucault quem põe tintas nesses modos de dizer a história natural

[...] passa por sobre esse vocabulário cotidiano que lhe serve de solo imediato e, aquém dele, vai buscar o que pôde constituir sua razão de ser; mas, inversamente, aloja-se por inteiro no espaço da linguagem, pois que ela é essencialmente um uso regulado dos nomes e tem por fim último dar às coisas sua verdadeira denominação (FOUCAULT, 2007, p. 224).

Cabe então ao biólogo dominar esses códigos e saber utilizá-los. Cabe a esse profissional coletar, identificar, classificar e **nomear** o que a natureza lhe oferece como campo de estudo. Cabe a ele, ainda, delimitar e fazer circular a gramática biológica separando e hierarquizado o que é tido como senso comum e ciência.

### **Quer ser Biólogo? então basta seguir o manual**

Foucault nos convida a levar a sério os dispositivos considerando-os não em sua instância repressiva mas acima de tudo e fundamentalmente nas instâncias de possibilidade, que incitam. Isso implica reconhecê-los enquanto **mecanismos positivos, produtores, de saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer** (FOUCAULT, 1988, p. 83).

Os discursos sobre como deve ser o biólogo são múltiplos e heterogêneos. Em algumas postagens estão apresentados verdadeiros manuais de regras que determinam o que um biólogo deve ou não fazer para ser identificado com tal. São procedimentos que regulamentam a vida e dirigem seus atos a uma forma única, padronizada e formatada de ser sujeito, pois ser biólogo é... “*Muito mais que apenas estudar plantas e animais*”, é também “*acreditar na imortalidade da natureza*”, “*gostar de terra molhada*”, “*ter ódio de gaiolas, jaulas e correntes*”, “*transmitir o conhecimento sobre a vida com empolgação*” (mesmo que essa vida seja um **mero** fungo filamentosos). É não apenas “*amar a vida em TODAS as suas formas e manifestações*”, mas também estudar a vida e defende-la (Figura 9).

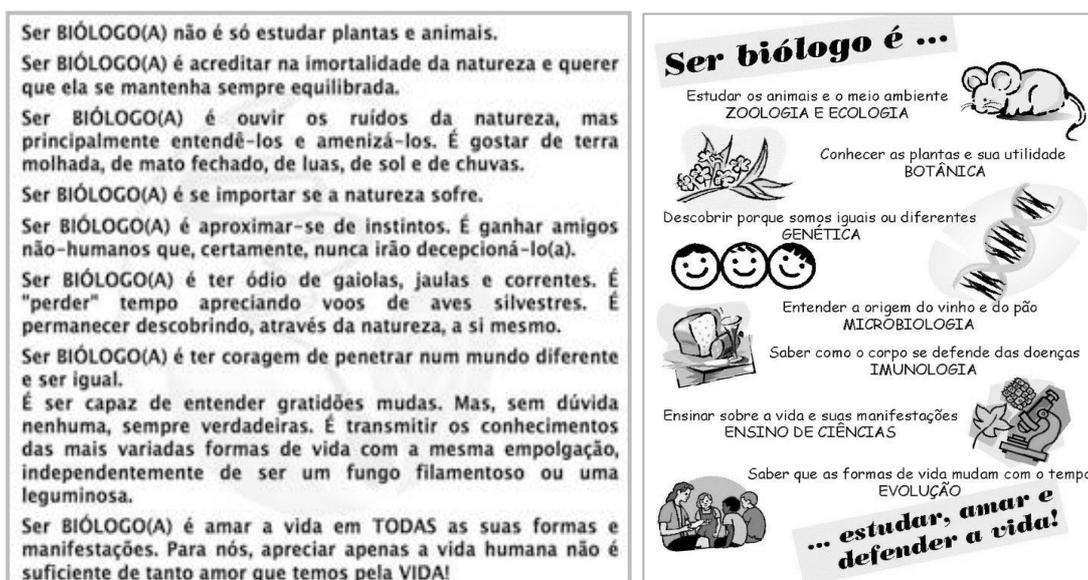


Figura 9 - Manual do Biólogo

Tais postagens falam do quanto se está continuamente exposto a kits identitários para serem consumidos e vividos, independentemente de contexto geográfico, nacional ou cultural. Da floresta amazônica aos pampas gaúchos, passando por praias, dunas, manguezais, pela mata atlântica, ou pela caatinga; Em grandes centros urbanos ou na zona rural; em uma escola, ou numa indústria: não importa o habitat no qual o biólogo desempenhe suas funções a receita é uma só. É imperioso segui-la. Não há espaço para novas roupagens ou novos ventos, como afirma Suely Rolnik

As subjetividades tendem a insistir em sua figura moderna, ignorando as forças que as constituem e as desestabilizam por todos os lados, para organizar-se em torno de uma representação de si dada *a priori*, mesmo que, na atualidade, não seja sempre a mesma esta representação (ROLNIK, 1997).

Ao nos depararmos com essas regras de conduta produz-se a necessidade de se ajustar a elas: precisa-se ser algo, identificar-se com alguma coisa, existir de dado modo, exibir determinado sinal sob pena de não pertencer a este ou aquele grupo. Neste contexto a mídia fornece verdadeiras próteses de identidade, identidades “*prêt-à-porter*” que trabalham nossos corpos como receptáculos de projetos identitários. Vivemos, portanto, tensão constante entre oportunidades infinitas de singularização e a insistência poderosa de modelos identitários (subjetividades-clone) (GREGOLIN, 2007).

Diante da ortopedia dos enunciados acabamos por viver em constante desassossego, sentimento que segundo Rolnik, é proporcionado pela imobilidade e pela falta de disposição para criar identidades móveis, fluidas, orientadas pela cartografia dos

ventos, os novos ventos (representados por novos produtos, novas tecnologias, novos paradigmas, novos hábitos de um mercado globalizado) tão revoltos na atualidade.

### **É preciso deformar o mundo... Tirar da natureza suas naturalidades<sup>3</sup>**

O *facebook* é uma das ferramentas mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Tal interação surge basicamente pelos comentários a perfis, participação em grupos de discussão, uso de aplicações e jogos (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010). Dentro desse contexto não podemos nos furtar à discussão sobre os atravessamentos que esse tipo de mídia promove através dos discursos que veicula, nos mais diferentes tipos de textos, e que se constituem como engrenagens fundamentais dentro do dispositivo pedagógico midiático por determinar e nos ensinar formas de ser/estar, ver/ser visto.

Nossa ideia durante a produção desse texto foi considerar que é possível desnaturalizar esses modelos dispostos e impostos nos diferentes dispositivos em que estamos enredados. Sabemos que não é possível estar fora deles, como alerta Deleuze (s.d), pois as tramas que os compõem nos enredam, nos atravessam, no entanto, não são capazes de nos engessar em uma ou outra posição. Pode até haver acomodações, mas é preciso entendê-las dentro de uma possibilidade temporária onde há condições de fuga, ruptura, rompimento.

Se não é possível escapar para fora do sistema de dispositivos e suas tramas, uma vez que essa exterioridade não existe, podemos ao menos aparelhar nosso olhar para identificar o funcionamento do que Foucault denomina “economia dos discursos” com “*sua tecnologia intrínseca, as necessidades de seu funcionamento, as táticas que instauram, os efeitos de poder que as sustentam e que veicula*” (FOUCAULT, 1988, p. 78). Isso implica em

reconhecer processos que disseminam o discurso na **superfície das coisas e dos corpos**, que o excitam, manifestam-no, **fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade** (FOUCAULT, *op. cit.*, p. 82).

Foucault nos desafia a reconhecer como os discursos estabelecem condições de existência para o sujeito, como marcam seus corpos exigindo um retorno na forma de ações e atos que são capazes de classificar, hierarquizar e acima de tudo determinar o que é (ou não) permitido dizer sobre ele. É assim que vemos aparecer o sujeito biólogo com suas roupas, gestos, vocabulário, comportamentos e formas de vida.

---

<sup>3</sup> Manuel de Barros

Cientes desse enredamento entendemos que não há possibilidades de desarticulação, implosão, desmoronamento, rompimento. O exercício possível é o de suspeição, vigilância em torno dos processos de sujeição para estranhá-los. E nessa direção é Foucault (1979) quem mais uma vez nos ajuda a pensar e a perguntar: quais foram as condições de emergência desse discurso? Que outros discursos silenciou? Como esse discurso se constituiu por um tempo o *a priori* histórico de uma experiência possível?

Tais questões persuadem a pensar que se torna urgente: problematizar as condições de possibilidades que promovem a construção de dada “experiência”. Experiência que induz o indivíduo a reconhecer-se como sujeitos de uma determinada forma de existência dentro de um sistema de regras e coerções.

Nesses discursos, por meio de variadas técnicas, tecnologias e estratégias são produzidas subjetividades, determinados “modos de existência”, diferentes formas de se conduzir. Cabe então o exercício de inverter a forma como estamos acostumados a pensar o papel da mídia em nossas salas de aula. Se diante do avanço tecnológico e da insidiosa presença dos diferentes tipos de mídia na escola pensávamos em como educar com elas. Nosso desafio doravante é pensar como elas nos educam (MIRANDA, 2001).

Isso significa investir na problematização daquilo que nos é dado como certo, inevitável, estável, imutável. Pensar de outra forma o que pensamos, ou como diz Foucault (1984, p. 16) “*liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferentemente*”. Armar nosso olhar com outras lentes. Lentes que permitam ver que todas essas práticas são discursos e como tal, dizem e prescrevem coisas, determinam ações e lugares. Não estão ali de forma inocente e sem intencionalidades.

Pensar diferente nos incita a desenhar resistências, a buscar rotas de fuga, e isso implica ver o sujeito como produção histórica, atravessado por complexas relações de saber-poder ligados a jogos de verdade. Uma rota de fuga também consiste na possibilidade do indivíduo criar para si novos modos de existência experienciando a vida como obra de arte, com a possibilidade não apenas de aderir, ou reforçar os modelos, mas acima de tudo a possibilidade de recusá-los.

## Referências

- DELEUZE, G. (s.d). *O que é um dispositivo*. Disponível em: <http://www.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze.dispositivo.pdf> [acessado em julho de 2013].
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, M. *A História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. *A História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2009a.
- FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 36ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009b.
- FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, v.28, n.1, p. 151-162, 2002.
- GREGOLIM, M. R. Identidade: objeto ainda não identificado? *Estudos da Linguagem*. Vitória da Conquista. UESB, 2007.
- LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T. T. (Org.). *O Sujeito da Educação: estudos Foucaultianos*. 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MIRANDA, C. E. A. Uma Educação do Olho: As Imagens na Sociedade Urbana, Industrial e de Mercado. *Cadernos Cedes*, ano XXI, nº 54, 2001.
- PAIVA, R.; FREIRE FILHO, J.; GRANJA, E. (orgs.). *Mídia e Poder: Ideologia, Discurso e Subjetividade*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2008.
- PARAÍSO, M. A. *Currículo e mídia educativa brasileira: poder saber e subjetivação*. Chapecó, Argos, 2007.
- PATRÍCIO, R.; GONÇALVES, V. *Facebook: Rede Social Educativa*. I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa, 2010. disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf> [acessado em julho de 2013].
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade – subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (org.). *Cultura e subjetividade – saberes nômades*. Campinas: Papyrus. 1997.

**SANDRA NAZARÉ DIAS BASTOS.** Graduada em Licenciatura Plena em Biologia pela Universidade Federal do Pará; Mestre em Biologia Ambiental pela Universidade Federal do Pará; Doutora em Educação em Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-em Educação em Ciências do Instituto de Educação Matemática e Científica da UFPA; Professora Adjunto nível III da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Ciências Biológicas do Campus de Bragança.

**SÍLVIA NOGUEIRA CHAVES.** Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (1986), Mestre (1993) e Doutora (2000) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Professora Associada III. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Cultura e Subjetividade na Educação em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará, no qual é docente.

Recebido: 30 de novembro de 2014

Revisado: 09 de março de 2015

Aceito: 03 de abril de 2015